

Assertividade: uma análise da produção acadêmica nacional¹

Assertiveness: an analysis of national academic production

Catarina Malcher Teixeira ✉

Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, Brasil
Professora Adjunta I do Departamento de Psicologia da UFMA, Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), apoio FAPEMA.

Almir Del Prette

Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil
Professor Titular do Departamento de Psicologia, vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e em Educação Especial.

Zilda Aparecida Pereira Del Prette

Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil
Professora Titular do Departamento de Psicologia da UFSCar, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSCar.

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de identificar e caracterizar a produção acadêmica de publicações nacionais acerca da assertividade. Fez-se uma busca sistemática em três tipos de fontes: Banco de dados de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Periódicos indexados nas bases de dados Lilacs, Scielo, Index-Psi/Periódicos e Google acadêmico, bem como de livros produzidos por autores que compõem grupos de pesquisa nas áreas analítico-comportamental e cognitivo-comportamental. Foram identificadas 64 publicações entre os anos de 1978 e 2014. As categorias de estudos identificadas na análise foram: 1- Teóricos, 2- Aplicados, 3- Caracterização e/ou correlações, 4- Intervenções, 5- Construção, adaptação e validação de instrumentos e 6- Outros. Os resultados indicaram um predomínio de estudos da categoria 2 (Aplicados), seguido da 3 (Caracterização e/ou correlações). A análise contribuiu para identificar perspectivas de investigações e lacunas quanto a tipos de estudos e focos das pesquisas em assertividade.

Palavras-Chave: assertividade; estudo nacionais; revisão de literatura.

¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada na modalidade de painel de discussão no 7º Word Congress of Behavioural and Cognitive Therapies, em Lima/Peru, em julho de 2013.

✉ catarinamalcher@hotmail.com

ABSTRACT

This study aims at identifying and characterizing the academic production of national studies on assertiveness. A systematic review was conducted based on three kinds of sources: (a) thesis and dissertations database from the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES); (b) indexed journals on the Lilacs, Scielo, IndexPsi/Journals databases and Google Scholar; (c) books produced by authors who compose research groups in the behavior analysis and cognitive behavior areas. 64 studies published between 1978 and 2014 were recovered. The study categories identified in the analysis were named as: 1 – Theoretical, 2 – Applied, 3 – Characterization and/or correlations, 4 – Interventions, 5 – Construction, adaptation and validation of evaluation tools and 6 – Others. The results pointed to a predominance of the category 2 (Applied studies), followed by the 3 (Characterization and/or correlations). The analysis contributed for identifying a research agenda and gaps regarding types of studies and research focuses on assertiveness.

Keywords: assertiveness; national studies; literature review.

O presente artigo é parte de uma investigação mais ampla cuja preocupação central é a assertividade feminina. Em função dos objetivos da pesquisa, portanto, considerou-se necessário efetuar uma análise das produções nacionais sobre essa temática.

O termo assertividade é largamente utilizado na Psicologia, nas diversas áreas de atuação: clínica, organizacional, saúde e educacional. No entanto, esse conceito vem sendo construído e reconstruído ao longo de mais de seis décadas e nem sempre há um consenso entre os diversos autores que dissertaram sobre o tema, como se verá a seguir.

Entre os conceitos mais difundidos de assertividade, destaca-se o de Lange e Jakubowski (1976), que a entendem como a habilidade de expressar sentimentos e desejos de forma apropriada, defender os próprios direitos e respeitar os do outro. Segundo esses autores, os estudos sobre o tema tiveram origem no final da década de 1940, com Andrew Sal-

ter. Todavia, foram os trabalhos de Joseph Wolpe (1958) e Arnold Lazarus (Wolpe & Lazarus, 1966) que deram maior progresso à área, porque tentaram apresentar definições mais claras sobre comportamento assertivo e agressivo e, no contexto prático, utilizaram vários procedimentos de treino de assertividade, especialmente o *role play*. Por um lado, “Lazarus (1973) [...] identificou quatro classes distintas de respostas: a habilidade de dizer não; a habilidade de fazer pedidos, a habilidade de expressar sentimentos positivos e negativos; e a habilidade de iniciar, manter, e terminar conversas em geral” (Hull & Schroeder, 1979, p.21). Por outro, Wolpe (1958) apresentou um modelo explicativo denominado de inibição recíproca por ansiedade, fundamentado no condicionamento respondente ou clássico.

De acordo com o modelo de Wolpe (1958), os déficits de assertividade podem ser explicados pelo efeito inibidor da ansiedade, ou seja, situações sociais previamente pareadas com estímulos aversivos

eliciariam respostas de ansiedade que, por sua vez, inibiriam respostas assertivas. Inúmeros estudos sugerem uma relação entre assertividade e ansiedade apontando que quanto maior o nível de ansiedade, menor a frequência de respostas assertivas (Anderson, 1997; Creed & Funder, 1998; Strahan, 2002). Contudo, esta relação não é de inibição recíproca, principalmente se considerarmos que o indivíduo não aprendeu a resposta assertiva.

A origem dos estudos nessa área de investigação está em dois movimentos contemporâneos que surgiram em lugares distintos: uma vertente americana, denominada de *Treinamento Assertivo (TA)* e outra vertente inglesa, denominada de *Treinamento das Habilidades Sociais (THS)* conforme A. Del Prette e Del Prette (2010) e Z. A. P. Del Prette e Del Prette (1999). Uma análise acerca desses movimentos contribui para compreender o campo teórico-prático do THS, podendo-se encontrar um detalhamento, em termos de contexto histórico, em A. Del Prette e Del Prette (2003a).

Segundo Lange e Jakubowski (1976), Ruben e Ruben (1987) e Z. A. P. Del Prette e Del Prette (1999), as décadas de 1970 e 1980 podem ser consideradas como de apogeu das publicações americanas sobre assertividade. Todavia, ainda que nesse período possam ser identificados inúmeros estudos conceituais, experimentais, aplicados e de elaboração de instrumentos (Alberti & Emmons, 1978; Epstein, 1980; Hull & Schroeder, 1979; Rathus, 1973), não se encontra, na literatura da época, uma definição clara e consensual sobre o que é assertividade, nem uma proposta que permita estabelecer diferenciações entre comportamentos assertivos, agressivos e passivos (Martinez, 1997; Ribeiro, 1990; Souza Filho, 2001). A dificuldade em formular uma de-

finição operacional sobre um construto tende a atrasar e até impedir o desenvolvimento de uma determinada área de pesquisa (Barker, Pistrang & Elliot, 1994), o que parece ter ocorrido no campo da assertividade. Aliadas a isso, duas outras situações podem ser apontadas: o interesse dos trabalhos dos autores americanos era mais fortemente na avaliação e efetividade de técnicas (Z. A. P. Del Prette & Del Prette, 1983) e o fato de que, a partir da década de 1980, o campo do Treinamento das Habilidades Sociais (THS) apresentava formulações conceituais mais sistemáticas, que acabou englobando a assertividade. Concebido enquanto método de intervenção para o desenvolvimento e promoção de habilidades sociais, o THS teve, tanto em suas bases conceituais quanto metodológicas, uma maior aceitação, se comparado com o Treinamento Assertivo (TA), provavelmente por se apresentar estruturado quanto ao método de intervenção sobre diversas habilidades sociais (HS), dentre elas a assertividade (Cox & Schopler, 1991/1995; Bolsoni-Silva, Del Prette, Del Prette, Montanher, Bandeira & Del Prette, 2006; Trower, 1995).

Os elementos mencionados podem explicar o decréscimo na produção de estudos sobre assertividade após a década de 1980, nos Estados Unidos da América. Todavia, mesmo diante das limitações apontadas, a vertente americana ainda mantém forte influência nos estudos sobre assertividade, possivelmente em função de sua sistemática experimental. Portanto, é pertinente afirmar a coexistência de dois movimentos que norteiam os estudos sobre essa temática, Treinamento Assertivo e Treinamento das Habilidades Sociais.

Para o entendimento da noção de assertividade adotada neste trabalho, distinguem-se alguns concei-

tos-chave: desempenho social, habilidades sociais e competência social. Entende-se por desempenho social qualquer comportamento ou sequência comportamental em uma situação social. Esse desempenho pode ser caracterizado como adequado ou não. Segundo A. Del Prette e Del Prette (2010) e Z. A. P. Del Prette e Del Prette (1999) os termos habilidades sociais e competência social não são equivalentes. O termo habilidades sociais refere-se a classes de comportamentos no repertório do indivíduo para manejar de forma adequada demandas das interações sociais, apresentando, portanto, um caráter descritivo do repertório comportamental do indivíduo. A competência social, por sua vez, tem um caráter avaliativo, pautada nos efeitos do comportamento, tanto para o indivíduo quanto para o grupo. A competência social qualifica se um desempenho é ou não adequado, considerando duas dimensões de funcionalidade (A. Del Prette & Del Prette, 2010): instrumental (consequências reforçadoras imediatas para o indivíduo) e ético-moral (consequências reforçadoras de médio e longo prazo para o grupo).

Inserida no contexto do Treinamento das Habilidades Sociais, a assertividade passou a ter uma formulação conceitual mais específica. Considerando a necessidade de definições que pertençam a um corpo teórico e em função dos objetivos deste estudo, adota-se a posição de que assertividade é uma classe de HS. Assim, sua formulação conceitual apóia-se nos estudos do campo teórico-prático das HS. Neste sentido, fundamenta-se no entendimento de que a assertividade é

... uma classe de habilidades sociais de enfrentamento em situações que envolvem risco de reação indesejável do interlocutor, com controle de ansiedade e expressão apropriada

de sentimentos, desejos e opiniões. Ela implica tanto na superação da passividade quanto no autocontrole da agressividade e de outras reações não habilidosas (Z. A. P. Del Prette & Del Prette, 2005, p.175).

Para Z. A. P. Del Prette e Del Prette (2005), na “base do conceito de assertividade encontra-se a noção de igualdade de direito e deveres, de legitimidade dos comportamentos voltados para a reivindicação e defesa desses direitos, de respeito e dignidade da pessoa humana” (p.175). Segundo esses autores, é possível compreender a assertividade como uma classe ampla que pode ser desdobrada a partir de subclasses de respostas. São elas: (1) manifestar opinião, concordar, discordar; (2) fazer, aceitar e recusar pedidos; (3) desculpar-se e admitir falhas; (4) estabelecer relacionamento afetivo/sexual; (5) encerrar relacionamento; (6) expressar raiva e pedir mudança de comportamento; (7) interagir com autoridades; (8) lidar com crítica (A. Del Prette & Del Prette, 2010).

Neste sentido, a expressão comportar-se assertivamente significa desempenhar, de forma socialmente competente, as HS da classe assertividade. Em outras palavras, ao comportar-se assertivamente, o indivíduo produz simultaneamente consequências imediatas reforçadoras para si (dimensão instrumental) e torna prováveis consequências reforçadoras de médio e longo prazo para o grupo no qual está inserido (dimensão ético-moral) mantendo, portanto, um equilíbrio nas relações. Daí porque afirmar que a conduta assertiva é a mais competente socialmente.

Enquanto habilidade de enfrentamento, as habilidades assertivas visam alterar uma situação desfavorável para o indivíduo, o que constitui a consequência refor-

çadora principal que geralmente mantém o comportamento assertivo. No entanto, a alteração da situação pode eventualmente não ser desejável nem compreendida pelos interlocutores e, por isso, tal como alertado por Z. A. P. Del Prette e Del Prette (2005) e Hidalgo e Abarca (1992), tem também alta probabilidade de produzir consequências aversivas, advindas dos interlocutores. Essa formulação também encontra suporte nos achados experimentais (Eisler, Hersen, Miller & Blanchard, 1975; Epstein, 1980, Lewis & Gallois, 1984), que demonstram que padrões assertivos podem gerar para o indivíduo consequências aversivas advindas do grupo, principalmente se contrapostos aos padrões passivos.

Mesmo diante da constatação da possibilidade de consequências aversivas, Souza Filho e Tourinho (2003) chamam a atenção que a literatura da área clínica enfatiza mais as consequências reforçadoras em detrimento das aversivas produzidas pelo comportamento assertivo. Alguns autores (Delamater & McNamara, 1986; Falcone, 2001; Souza Filho & Tourinho, 2003) têm discutido alternativas eficazes de atuação para terapeutas ensinarem seus clientes a lidar com os efeitos negativos da asserção. Sugerem que um treino assertivo deve ser articulado a um treino de empatia. Adotam a “suposição de que essas habilidades são complementares para a obtenção de uma boa condição interpessoal” (Falcone, 2001, p.208), uma vez que o comportamento empático reduz os possíveis impactos negativos da assertividade. Para os autores, de um modo geral, a resposta assertiva é mais competente socialmente (do que as passivas e agressivas) e, teoricamente, têm maior probabilidade de produzir

reforçamento para o emissor, com enfraquecimento da produção de estímulos aversivos para o interlocutor. Uma análise acerca da manutenção de comportamentos assertivos é apresentada por Marchezini-Cunha e Tourinho (2010) os quais consideram a importância de avaliar as consequências individuais e as consequências para o grupo social assim como efeitos a curto, médio e longo prazo. Esses aspectos convergem para a noção de competência social, tal como elaborada por A. Del Prette e Del Prette (2010) e, portanto, para uma formulação que aponta para a competência social assertiva, mais do que para a dimensão descritiva das classes de habilidades sociais assertivas.

Trabalhos na área de assertividade começaram a ser produzidos no Brasil no final da década de 1970. O artigo de A. Del Prette (1978) pode ser considerado a obra pioneira e reflete as tendências focadas na avaliação e intervenção. Nesse estudo, o autor relata a experiência de um treinamento assertivo com estudantes de um curso de Psicologia e estimula os leitores, principalmente os que estão envolvidos com formação, a refletirem sobre a ênfase dada ao aprendizado acadêmico no que refere ao ensino de conteúdos sistemáticos nos cursos de graduação em Psicologia e o a importância do ensino de HS necessárias para a atuação profissional.

Com o desenvolvimento do campo teórico-prático das habilidades sociais (Bolsoni-Silva, et al., 2006; Fumo, Monolio, Bello & Hayashi, 2009), os estudos sobre as habilidades assertivas¹, em populações clínicas e não clínicas, nos mais diversos contextos, têm sido alvos de interesse dos pesquisadores bra-

¹ O termo Habilidades Assertivas foi introduzido no corpo teórico do THS. Z. A. P. Del Prette e Del Prette (1999) a denominam de Habilidades Sociais Assertivas de Enfrentamento. Considera-se que essa expressão seja a mais adequada. Contudo, é comum o leitor encontrar as expressões “comportamento assertivo” ou simplesmente “assertividade”, devendo tomá-las como sinônimos de “habilidades sociais assertivas de enfrentamento”.

sileiros (Braz & Del Prette, 2011; A. Del Prette & Del Prette, 2003a; Hübner, 2003; Honda & Brasio, 2009; Juang, 2008; Marchezini-Cunha & Tourinho, 2010). Diante disso, entende-se que a análise da produção acadêmica de um campo de conhecimento favorece a identificação dos avanços e lacunas, chamando atenção para novas investigações quanto às características formais dos estudos, tendências quanto ao foco das pesquisas e métodos utilizados (Bolsoni-Silva et al., 2006).

Os estudos sobre revisão bibliográfica no campo das Habilidades Sociais constatarem ascensão desta área de conhecimento. Contudo, nenhum deles trata especificamente das habilidades assertivas. Dentre os estudos brasileiros de revisão, cinco merecem destaque, a saber: Bolsoni-Silva et al. (2006), Z. A. P. Del Prette e Del Prette (2000), Fumo et al. (2009), Mitsi, Silveira e Costa (2004) e Murta (2005).

Os estudos nessa área de conhecimento, tanto na população clínica como não clínica apontam que indivíduos que se comportam assertivamente apresentam melhor qualidade de vida (Bandeira & Quaglia, 2006; A. Del Prette & Del Prette, 2010). Diante destas constatações, em função da relevância do tema para o campo da Psicologia, este estudo tem o objetivo de identificar e caracterizar a produção acadêmica no país acerca da assertividade. Entende-se que este tipo de investigação bibliográfica permite aos pesquisadores do campo da psicologia e de áreas próximas identificarem lacunas e direcionarem seus focos de pesquisas.

MÉTODO

Base documental e Procedimentos de coleta

A coleta de dados ocorreu em dois períodos: maio

a agosto de 2012 e novembro de 2014 a janeiro de 2015. Consistiu de três etapas e envolveu três tipos de estudos.

1ª etapa. Levantamento na Base de Dados de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses, acessada em julho de 2012 e janeiro de 2015), do período de 1987 a 2011, período disponível durante a busca.

2ª etapa. Levantamento em bases digitais de dados: periódicos indexados nas bases de dados Lilacs, Scielo, Index-Psi/Periódicos e Google acadêmico, no período de maio a agosto de 2012 e janeiro de 2015.

3ª etapa. Levantamento em capítulos de livros, considerando três grupos de obras e adotando-se os seguintes critérios:

- (1) Coleção *Sobre comportamento e Cognição*. Obra bastante representativa enquanto fonte de análise da produção nacional na área analítico-comportamental e cognitivo-comportamental (Bolsoni-Silva et al., 2006; Fumo et al., 2009). A busca abrangeu do volume 1 ao 27, publicados no período de 1997 a 2011;
- (2) Obras de A. Del Prette e Del Prette (2003b; 2003c; 2010; 2011; 2013) e Z. A. P. Del Prette e Del Prette (1999; 2005). O critério de escolha dessas obras foi a inserção das mesmas no campo de conhecimento e aplicação da área de Habilidades Sociais, do qual a assertividade faz parte enquanto uma das principais subclasses. Além disso, os autores têm apresentado à comunidade acadêmica um expressivo número de trabalhos na área. O artigo denominado *Habilidades Sociais: uma área em desenvolvimento*, de Z. A. P. Del Prette e Del Prette (1996), é considerado o marco de apresentação do campo das Habilidades Sociais em publicações

nacionais (Bolsoni-Silva et al., 2006; Fumo et al., 2009).

(3) O livro *Falo ou não falo? Expressando sentimentos e comunicando idéias* (Brandão & Conte, 2003). Esta obra contém 16 capítulos de autoria de psicólogos, analistas do comportamento com experiência clínica, professores universitários e pesquisadores, que têm se preocupado com o desenvolvimento da temática da assertividade. Em função do objetivo dessa obra, optou-se por analisar todos os capítulos da mesma.

Para as buscas nas bases de dados e no título dos demais estudos, à exceção da obra de Brandão e Conte (2003), foram utilizados os seguintes descritores: *assertividade, comportamento assertivo, comportamento passivo, habilidades assertivas, inassertividade, treinamento assertivo e Escala Rathus de Assertividade*. Para a seleção dos estudos, pelo menos um dos descritores deveria estar contido no título do trabalho. Foram excluídos artigos que se repetiam nas bases de dados ou que não continham em seu título um dos descritores.

Análise dos dados

Depois de selecionados os estudos, para fins de categorização, foi feita a leitura do material em sua íntegra, à exceção das dissertações e teses, das quais foi lido o resumo. Um protocolo auxiliou na primeira organização dos dados. No mesmo, era anotado o nome da instituição, ano, autor, tipo de estudo e as demais categorias definidas para análise. Em seguida, procedeu-se a análise de cada conjunto de estudos.

Após a leitura de todos os trabalhos, foram elaboradas categorias de investigações de estudos: (1) Teóricos; (2) Aplicados; (3) Caracterização e/ou correlações; (4) Intervenções; (5) Construção, adaptação

e validação de instrumentos e (6) Outras. A Tabela 1 apresenta os critérios para inserção dos estudos em cada uma das categorias. Definições de categorias semelhantes às apresentadas a seguir também foram formuladas por Bolsoni-Silva et al. (2006), Z. A. P. Del Prette e Del Prette (2000) e Fumo et al. (2009), que foram tomadas como referência.

Estudos da categoria *Aplicados* foram submetidos a uma nova análise, que permitiu identificar subcategorias contextuais entendidas como relevantes aos objetivos do presente estudo: clínico, organizacional, saúde, educacional, práticas parentais (relação pais e filhos, crianças e adolescentes), afetivo/sexual, religião e relações interpessoais diversas. O mesmo foi feito para as categorias 03 e 04 (*Caracterização e/ou correlações e Intervenções*, respectivamente), identificando-se, tal como em Bolsoni-Silva et al. (2006), subcategorias: população (pais e casais, profissionais, grupos clínicos, universitários, adolescentes, crianças, mistos) e objetivos (caracterizar a população, relacionar variáveis, desenvolver instrumentos, caracterizar/relacionar variáveis, caracterizar/elaborar instrumento, caracterizar/avaliar a efetividade e descrever procedimento). Por fim, os dados foram organizados em tabelas, destacando nas categorias seus percentuais, o que permitiu uma análise qualitativa e quantitativa dos mesmos. Teses e dissertações das categorias: *Aplicados, Caracterização e/ou correlações e Intervenções* que foram publicadas nas outras modalidades com os mesmos objetivos foram contabilizadas apenas uma vez nas subcategorias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados são apresentados a partir da análise das três modalidades de fontes pesquisadas. Fo-

Tabela 1 - Categorias de síntese de conteúdo de estudos sobre assertividade e suas definições

Categoria	Definição
(1) Teóricos	Estudos caracterizados por formulações conceituais, análise de fatores associados e de relações com outros tipos de habilidades.
(2) Aplicados	Estudos que discorrem sobre o comportar-se assertivamente em vários contextos (educacional, saúde, organizacional etc.), ou seja, a aplicação do conceito em uma prática de atuação psicológica.
(3) Caracterização e/ou correlações	Estudos de caracterização do repertório assertivo em diversas populações e/ou de relação empírica desse repertório com outras variáveis.
(4) Intervenções	Estudos de programas de treino de assertividade em população clínica e não clínica, em grupo e/ou individual, cuja preocupação enfatiza a análise de efetividade e/ou descrição dos progressos.
(5) Construção, adaptação e validação de instrumentos	Estudos de construção, adaptação e validação de instrumentos de avaliação da assertividade.
(6) Outros	As características dos estudos dessa categoria não podem ser enquadradas em apenas uma ou não se enquadram em nenhuma das descritas anteriores.

ram identificados 64 (100%) trabalhos. Destes, 18 (28,12%) são teses e dissertações, 25 (39,06%) capítulos de livros e 21 (32,82%) são artigos. A Tabela 2 mostra dados mais específicos acerca das teses e dissertações sobre a temática assertividade.

Como se pode observar na Tabela 2, há uma predominância de trabalhos na modalidade de dissertação, com um total de 16 (88,89%). A Universidade Gama

Filho e a PUC de Campinas são as que apresentam a maior quantidade de trabalhos (16,67% cada). Não foram encontradas revisões de literatura da área de Habilidades Sociais que contemplassem teses e dissertações, o que dificulta uma análise comparativa. Os dados indicam um aumento de estudos da década de 1990 para a de 2000. Contudo, quanto à publicação destes trabalhos em outros formatos, foram identificadas apenas três, sendo uma em artigo e as outras

Tabela 2 - Descritivo das instituições, ano, autores, modalidade e quantidade de estudos sobre a temática assertividade em teses e dissertações

Instituições	Ano	Autor	Modalidade	Nº(%)
Universidade de São Paulo (USP - São Paulo)	1990	Ribeiro, M. J. X	Tese	01 (5,5)
	1994	Ayres, L. S. M.	Dissertação	
Universidade Gama Filho (UGF - Rio de Janeiro)	2000	Ornelas, A. C. C.	Dissertação	03 (16,67)
	2003	Alves, C. A.	Dissertação	
	1981	Di Nucci, S. H. P.	Dissertação	
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC - Campinas)	1997	Martinez, A.	Dissertação	03 (16,67)
	1998	Dias, R. R	Dissertação	
Universidade de Brasília (UNB)	1997	Fukuda, C. C	Dissertação	01 (5,5%)
Universidade Federal do Pará (UFPA)	2001	Souza Filho, R. C.	Dissertação	02 (11,11)
	2004	Marchezini-Cunha, V.	Dissertação	
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2001	Freitas, J. S.	Dissertação	01 (5,5)
Faculdade Cásper Líbero	2004	Martins, V. L. F.	Dissertação	01 (5,5)
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	2005	Pontes, M. L. M	Dissertação	01 (5,5)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - São Paulo)	2001	Barrowin, M. S.	Dissertação	02 (11,11)
	2008	Juang, R. M. M.	Tese	
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	2007	Werneck Filho, B. D.	Dissertação	01 (5,5)
Universidade de Taubaté (UNITAU)	2007	Tôrres, M. T. R.	Dissertação	01 (5,5)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	2010	Braz, A. C.	Dissertação	01 (5,5)
			Total	18 (100)

duas na modalidade de capítulo de livro. Dois dos trabalhos publicados foram desenvolvidos na Universidade Federal do Pará e um na Universidade Federal de São Carlos. Este dado evidencia um baixo índice de conversão de dissertações e teses em artigos.

Duas hipóteses podem ser levantadas quanto ao baixo índice de publicações no formato de artigos ou capítulos de livros sobre assertividade. Uma primeira refere-se ao fato de os estudos sobre assertividade terem chegado ao Brasil apenas no final da década,

diz respeito ao grau de exigência para publicação por parte dos programas de pós-graduação. Outro possível empecilho se refere à escassez de instrumentos nacionais ou adaptados para a nossa cultura. Nenhum dos estudos realizados sobre construção, adaptação e validação de instrumento, nas teses e dissertações, foi publicado e/ou indexado nas fontes pesquisadas. Também não foram submetidos à apreciação do Conselho Federal de Psicologia, que exige criteriosa análise de validade, confiabilidade e normas, incluindo manual de aplicação, apuração e interpretação. Um

Tabela 3 - Quantidade de estudos por categorias de análise e por quantidade de autores de cada estudo

Categorias de análise	Teses e dissertações (%)	Capítulos de livros (%)	Artigos (%)	Total (%)
(1) Teóricos	01 (5,55)	02 (8,00)	04 (19,05)	07 (10,94)
(2) Aplicados	01 (5,55)	19 (76,00)	04 (19,05)	24 (37,50)
(3) Caracterização e/ou correlações	06 (33,33%)	01 (4,00)	07 (33,33)	14 (21,88)
(4) Intervenção	02 (11,11%)	02 (8,00)	02 (9,52)	06 (9,37)
(5) Construção adaptação, e validação de instrumentos	03 (16,67%)	01 (4,00)	04 (19,05)	08 (12,50)
(6) Outros	05 (27,78)	-	-	05 (7,81)
Total	18 (100%)	25 (100)	21 (100)	64 (100%)
Número de autores				
01	18 (28,12)	08(12,50)	03(4,69)	29
02-03	-	17(26,56)	13(20,31)	30
Acima de 04	-	-	05(7,81)	05
Total	18 (28,13)	25 (39,06)	21(32,81)	64 (100)

exemplo nesse sentido é o trabalho de Ayres (1994) que se tornou uma referência para profissionais da área, mas permaneceu em formato de dissertação. Essa situação reforça a necessidade de pesquisas voltadas para a construção, validação e refinamento desses recursos, tanto sob as abordagens comportamentais como cognitivas (A. Del Prette & Del Prette, 2013). No entanto, a partir da década de 1990, houve um aumento da formação de doutores e mestres impulsionando esses pesquisadores a realizar suas comunicações entre os seus pares, inclusive em forma de artigo, fatos ratificados por Mancebo (2003).

A Tabela 3 apresenta os dados dos três conjuntos de estudos nas categorias de análise previamente consideradas. A categoria de estudos *Aplicados* é a que

concentra maior número de trabalhos, seguida da categoria *Caracterização e/ou correlações*.

Conforme os dados da Tabela 03, os estudos *Aplicados* foram os de maior prevalência (37,50%). Interessam-se por essa área de estudo, pesquisadores da área aplicada, terapeutas cognitivos e analítico-comportamentais, provavelmente devido ao maior número de estudos do exterior, com um enfoque na prática. Esta prevalência aponta para a relevância social da temática da assertividade, ainda que carentes de modelos de intervenção baseados em evidências produzidos no Brasil. Em função da relevância apontada, optou-se por identificar o contexto da prática psicológica em que estes estudos estão concentrados. Os dados dessa subcategoria podem ser observados na Tabela 04.

Tabela 4 - Subcategorias de contexto na análise para os estudos Aplicados

Subcategorias	Teses e Dissertações (%)	Capítulos de livros (%)	Artigos (%)	Total (%)
Clínico	01 (4,16)	01 (4,16)	-	02 (8,33)
Organizacional	-	01 (4,16)	02 (8,33)	03 (12,50)
Educacional	-	01 (4,16)	-	01 (4,16)
Saúde	-	01 (4,16)	01 (4,16)	02 (8,33)
Religioso	-	02 (8,33)	-	02 (8,33)
Afetivo/Sexual	-	02 (8,33)	-	02 (8,33)
Relações parentais (crianças e adolescentes)	-	04 (16,67)	-	04 (16,67)
Relações interpessoais diversas	-	07 (29,17)	01 (4,16)	08 (33,33)
Total	01 (4,16)	19 (79,17)	04 (16,67)	24 (100)

Quanto ao número de pesquisadores por trabalho, observa-se que a maior prevalência encontra-se nos trabalhos com publicações assumidas por dois a três autores. O dado sugere que produzir estudos dentro de grupos de pesquisa amplia as possibilidades de publicação, seja no formato de capítulo de livro ou artigo.

É importante ressaltar que, tal como no cenário internacional, no Brasil houve uma maior aceitação dos estudos sobre assertividade enquanto classe das habilidades sociais. Isto implica em dizer que estudos sobre assertividade podem ter uma prevalência maior, contudo, sob o título de Habilidades Sociais. Neste sentido, o encaminhamento de pesquisa seria uma revisão bibliográfica nos estudos de HS, que favoreceria um panorama mais amplo de investigação.

De acordo com a Tabela 4, é possível identificar que o foco dos estudos é a importância do agir assertivamente nos mais diversos contextos das relações interpessoais (29,17%). Estudos apontam que agir assertivamente produz ganhos para os indivíduos e para o grupo, principalmente em médio e longo prazo, e que as habilidades sociais e o comportamento assertivo estão relacionados com o bem estar psicológico, assim como ao seu ajustamento acadêmico e desenvolvimento profissional (Bandeira & Quaglia, 2006; Falcone, 2001; Honda & Brasio, 2009; Marchezini-Cunha & Tourinho, 2010). Por outro lado, a noção de igualdade de direitos e deveres, de legitimidade dos comportamentos de reivindicação para qualquer tipo de interação social, o que fortalece a premissa de que comportar-se assertivamente é a conduta que mais favorece a competência social.

Os dados da Tabela 4 também permitem a identificação de lacunas de trabalhos nas modalidades de teses e dissertações e artigos em diversos contextos.

Apenas a modalidade capítulos de livros contempla estudos em todas as subcategorias de contextos, o que fornece indicações aos pesquisadores acerca da necessidade de investigações em várias direções.

A última análise consistiu em identificar a população e os objetivos dos estudos de *Caracterização e/ou correlações* e *Intervenção*, o que possibilitou a compreensão das tendências quanto ao foco das pesquisas. Estas informações podem ser visualizadas na Tabela 5.

Os dados da Tabela 5 permitem identificar algumas lacunas no estudo da assertividade em nosso meio. Investigações com as populações de “pais/casais/crianças e adolescentes” ainda são escassas, assim como, estudos em que os objetivos sejam focados em “caracterizar a população, elaborar instrumentos e avaliar a efetividade”. Além disso, os dados descritos permitem constatar que o foco das pesquisas envolveu tanto população clínica como não clínica. Seus objetivos encontram-se mais frequentemente relacionados à caracterização da amostra e correlação com outras variáveis. Esse tipo de estudo é importante porque fornece subsídios para o desenvolvimento de programas de intervenção voltados para as especificidades da população analisada e aponta para a importância do desenvolvimento dessa habilidade como forma de prevenção para vários problemas psicológicos e de saúde.

Indo ao encontro dos objetivos da pesquisa que deu origem a este artigo, a análise dos dados apresentados na Tabela 5 possibilitou a identificação de estudos nacionais que tratam da temática assertividade feminina. Os estudos encontram-se nas categorias de *Caracterização e/ou correlações* e de *Intervenção*.

O primeiro estudo, sobre assertividade em mulheres, foi de Ornelas (2000) e tratou da assertividade social e sexual e suas relações com o prazer e a satisfação sexual. A análise dos resultados apontou que metade da amostra caracterizou-se como sexualmente e socialmente assertiva. Constatou-se que mulheres assertivas sexualmente têm mais frequência de relações sexuais, maior incidência de orgasmos na relação sexual e maior grau de satisfação sexual que as não assertivas. Variáveis como prática religiosa, estado civil e escolaridade

não apresentaram diferenças significativas para a maioria dos itens pesquisados.

O segundo estudo, de Elias e Brito (2007), descreveu um caso clínico de uma mulher cujas queixas apresentadas, de acordo com relato da mesma, estavam relacionadas a problemas conjugais. O programa de intervenção descreve procedimentos de instalação de comportamentos assertivos como estratégia para resolução das dificuldades da cliente.

Tabela 5 - Subcategorias de análise dos estudos de Caracterização e/ou correlações e de Intervenção

Subcategoria s	Teses e dissertações (%)	Capítulos de livros (%)	Artigos (%)	Total (%)
População				
Profissionais	03 (15,79)			03 (15,79)
Grupos clínicos	02 (10,53)	01 (5,26)	02 (10,53)	05 (26,31)
Universitários	-	01 (5,26)	04 (21,05)	05 (26,31)
Crianças	-	-	01 (5,26)	01 (5,26)
Mistos	03 (15,79)	-	02 (10,53)	05 (26,31)
Total	08 (42,10)	02 (10,53)	09 (47,37)	19 (100)
Objetivos				
Caracterizar + relacionar variáveis	06 (31,58)	01 (5,26)	06 (31,58)	13 (68,42)
Caracterizar + instrumento	-	-	01(5,26)	01 (5,26)
Caracterizar + avaliar a efetividade	02 (10,53)	-	-	02 (10,53)
Descrever procedimento	-	01 (5,26)	02 (10,53)	03 (15,79)
Total	08 (42,10)	02 (10,53)	09 (47,37)	19 (100)

E o terceiro estudo, de Jung (2008), procurou identificar e interpretar comportamentos culturais em comum entre trabalhadoras acometidas por Distúrbios Osteomusculares Relacionado ao Trabalho (DORT), a partir da verificação da correlação entre comportamento assertivo e a qualidade de vida. Os resultados obtidos não evidenciaram diferenças significativas entre os grupos estudados. Diante desses achados, pode-se supor que as investigações sobre assertividade em mulheres e variáveis correlatas, demandam maiores investigações.

Considerações finais

O campo de estudo da assertividade foi inserido no Brasil no final de década de 1970, mas, a quantidade de estudos desenvolvidos ainda é baixa bem como o número de publicações nacionais. Ao mesmo tempo, as investigações sobre assertividade têm sido objeto de interesse de pesquisadores em diversos contextos, principalmente para os da área aplicada, provavelmente, em decorrência da relevância social desse tema. Além disso, a assertividade tem sido apontada como uma das mais importantes classes das habilidades sociais, por se caracterizar como um tipo de competência social que auxilia o indivíduo na resolução de inúmeras situações consideradas aversivas nas mais diversas interações sociais. Considerando-se que uma revisão bibliográfica possibilita a identificação do “estado da arte” e tem o objetivo de descrever o grau de desenvolvimento de uma determinada área de pesquisa, conclui-se que os estudos sobre assertividade estão em ascensão, mas em algumas áreas carecem de investigações, como é o caso da assertividade feminina. Sobre os encaminhamentos de pesquisa, pode-se indicar pelo menos cinco possibilidades. Uma primeira refere-

se a levantamentos em um maior número de bases de dados incluindo bases internacionais, a fim de ampliar essa revisão. A segunda possibilidade é um estudo com o objetivo de identificar trabalhos sobre a temática da assertividade inseridos no campo teórico-prático das HS, o que pode favorecer a ampliação dos dados.

Outras três possibilidades podem ser sugeridas: identificar, nos estudos nacionais, quais se apoiam na vertente americana e quais se apoiam na vertente inglesa, identificando e analisando questões metodológicas e conceituais desses estudos; relacionar a quantidade e características da produção nacional com a produção mundial, não somente para fins estatísticos, mas também para auxiliar em possíveis estudos comparativos; e identificar publicações de pesquisadores brasileiros em revistas internacionais, com objetivo de expandir o mapeamento de publicações para verificar a consolidação desse campo de investigação.

Este trabalho permitiu uma análise do panorama dos estudos sobre a assertividade no Brasil. Dessa forma avalia-se que contribui para identificar e caracterizar aspectos formais dos estudos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros e identificou lacunas. Essas apontam para a necessidade de investir em vários focos de pesquisas, incluindo trabalhos teóricos e empíricos e sobre aspectos metodológicos.

REFERÊNCIAS

- Anderson, R.T. (1997). Anxiety or ignorance: The determinants of interpersonal skill display. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 57(9-B), 595-9.

- Alberti, R. E., & Emmons, M. L. (1978). *Comportamento assertivo: um guia de auto-expressão* (J. M. Corrêa, Trad.). Belo Horizonte, MG: Interlivros. (Trabalho original publicado em 1970).
- Ayres, L. S. M. (1994). *Uma escala brasileira para a medida da assertividade*. Dissertação de mestrado, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, RJ.
- Bandeira, M., & Quaglia, M. A. (2006). Comportamento assertivo: Relações com ansiedade, locus de controle e auto-estima. In: M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.). *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 162-178). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Barker, C., Pistrang, N., & Elliot, R. (1994). *Research methods in clinical and counseling psychology*. NY: John Wiley & Sons.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, G., Montanher, A. R., Bandeira, M., & Del Prette, A. (2006). A área das habilidades sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos. In: M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.). *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Brandão, M. Z. S., & Conte, F. C. (2003). *Falo ou não falo? Expressando sentimentos e comunicando idéias*. Arapongas, PR: Mecenaz.
- Braz, A. C., & Del Prette, Z. A. P. (2011). Programa de habilidades sociais assertivas para idosos. In: A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais: intervenções efetivas em grupo* (pp. 231-260). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Cox, R. D., & Schopler, E. (1995). Treinamento de habilidades sociais para crianças. In: M. Lewis (Org). *Tratado de psiquiatria da infância e adolescência* (I. C. S. Ortiz, S. Costa e D. Batista, Trad., pp. 916-923). Porto Alegre, RS: Artes Médicas (Original publicado em 1991).
- Creed, A., & Funder, D. (1998). Social anxiety: From the inside and outside. *Personality and Individual Differences*, 25,19-33.
- Del Prette, A. (1978). O treino assertivo na formação do psicólogo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 30, 53-55.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2003a). Treinamento assertivo ontem e hoje. In: C. E. Costa, J. C. Luzia e H. H. N. Sant 'Anna (Orgs.). *Primeiros passos em análise do comportamento e cognição*. Santo André, SP: ESETEC.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2003b). (Orgs.) *Habilidades Sociais, desenvolvimento e aprendizagem*. Campinas, SP: Alínea.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2003c). *Habilidades sociais o modelo de Jesus*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2010). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2011). (Orgs.) *Habilidades sociais: intervenções efetivas em grupo*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2013). *Psicologia das Habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1983). Análise do repertório assertivo em estudantes de Psicologia. *Revista de Psicologia*, 1(1), 15-24
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1996). Habilidades Sociais: uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(2), 233-255.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2000). Treinamento em habilidades sociais: Panorama geral da área. In: V. G. Haase; R. R. Neves; C. Kapler; M. L. M. Teodoro & G.M.O. Wood (Orgs.). *Psicologia do desenvolvimento: contribuições interdisciplinares* (pp. 249-264). Belo Horizonte, MG: Health.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Delamater, R. J., & MacNamara, J. R. (1986). The Social impact of assertiveness research findings and clinical implications. *Behavior Modification*, 10(2), 139-158.
- Eisler, M. R., Hersen, M., Miller, P. M., & Blanchard, E. D. (1975). Situational determinants of assertive behaviors. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 3, 330-340.
- Elias, P. V. O., & Brito, I. A. G. S. (2007). A função da assertividade no relacionamento afetivo. In: R. R. Starling (Org). *Sobre comportamento e cognição: Temas aplicados* (pp. 23-26). Santo André, SP: ESETEC.
- Epstein, N. (1980). Social consequences of assertion, aggression, passive aggression, and submission: Situational and dispositional determinants. *Behavior Therapy*, 11, 662-669.
- Falcone, E. M. O (2001). Habilidades sociais: Para além da assertividade. In: R. C. Wielenska (Org.). *Sobre comportamento e cognição: questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos* (pp. 202-212). Santo André, SP: ESETEC.
- Fumo, V. M. S., Manolio, C. L., Bello, S., & Hayashi, M. C. P. I. (2009). Produção científica em habilidades sociais: estudo bibliométrico. *Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva*, XI(2), 246-266.
- Hidalgo, C. H., & Abarca, N. M. (1992). *Comunicacion interpersonal – Programa de entrenamiento en habilidades sociales*. Santiago do Chile: Editorial Universitaria.
- Honda, G. C., & Brasio, K. M. (2009). Comportamento inassertivo na dispepsia funcional. *Psicologia: Teoria e Prática*. 11(1), 85-96.
- Hübner, M. M. C. (2003). “Silêncio!” – Uma lição da escola que muitos não esquecem. In: F. C. Conte & M. Z. S. Brandão (Orgs.). *Falo ou não falo? Expressando sentimentos e comunicando idéias* (pp. 121-127). Arapongas, PR: Mecenaz.
- Hull, D. B., & H. E. Schroeder (1979). Some interpersonal effects of assertion, nonassertion, and aggression. *Behavior Therapy*, 10, 20-28.
- Juang, R. M. M. (2008). *Um olhar interdisciplinar sobre assertividade e a DORT em mulheres trabalhadoras*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- Lange, A. J., & Jakubowski, P. (1976). *Responsible Assertive Behavior*. Illinois: Research Press Co.
- Lewis, P. N., & Gallois, C. (1984). Disagreements, refusals, or negative feelings: Perception of negatively assertive messages from friends and strangers. *Behavior Therapy*, 15, 353-368.
- Mancebo, D. (2003). Trabalho docente e produção de conhecimento. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 519-526.
- Marchezini-Cunha, V. (2004). *Assertividade e auto-controle: Possíveis relações*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, PA.
- Marchezini-Cunha, V., & Tourinho, E. Z. (2010). Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental. *Psicologia: Teoria e Prática*, 26(2), 295-304.
- Martinez, A. (1997). *Assertividade: definição operacional e análise de exemplos oferecidos por terapeutas*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica. Campinas, SP.
- Mitsi, C. A., Silveira, J. M., & Costa, C. E. (2004). Treinamento de habilidades sociais no tratamento do transtorno obsessivo

- compulsivo: Um levantamento bibliográfico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(1), 49-59.
- Murta, S. G. (2005) Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais: Análise da Produção Nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 283-291.
- Ornelas, A. C. C. (2000). *Satisfação sexual feminina: uma questão de assertividade?* Dissertação de mestrado, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, RJ.
- Rathus, S. A. (1973). A 30-item schedule for assessing behavior. *Behavior Therapy*, 4, 398-406.
- Ribeiro, M. J. F. X. (1990). *Assertividade: avaliação e desenvolvimento entre universitárias*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, SP.
- Rubens, D. H., & Rubens, M. J. (1987). Assumptions about teaching assertiveness: Training the person or behavior? In: D. H. Rubens, & D. J. Delpralo. (Ed.) *New ideas in the therapy. Introduction to an interdisciplinary approach* (pp. 107-118). New York: Greenwood.
- Souza Filho, R. C. (2001). *Assertividade e passividade na terapia analítico-comportamental: análise de um atendimento clínico em estágio supervisionado*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará. Belém, PA.
- Souza Filho, R. C., & Tourinho, E. Z. (2003). Ser assertivo sempre dá certo? In: F. C. Conte & M. Z. S. Brandão (Orgs.). *Falo ou não falo? Expressando sentimentos e comunicando idéias* (pp. 165-176). Arapongas, PR: Mecenas.
- Strahan, E. Y. (2002). The effects of social anxiety and social skills on academic performance. *Personality and Individual Difference*, 34(2), 347-366.
- Trower, P. (1995). Adult social skills: State of the art and future directions. In: W. O Donohue & L. Krasner (Orgs.), *Handbook of psychological skills training: Clinical techniques and applications* (pp. 54-80). New York: Allyn and Bacon.
- Wolpe, J. (1958). *Psychotherapy by reciprocal inhibition*. Stanford, California: Stanford University Press.
- Wolpe, J., & Lazarus, A. A. (1966). *Behavior Therapy techniques*. New York: Pergamon Press.

Recebido em 15 de março de 2015
Revisado em 20 de julho de 2015
Aceito em 2 de agosto de 2015